

EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO À SAÚDE: COMPORTAMENTO E CONHECIMENTO DE ADOLESCENTES DE COLÉGIO PÚBLICO E PARTICULAR EM RELAÇÃO AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO

EDUCATION AND PROMOTION TO THE HEALTH: BEHAVIOR AND KNOWLEDGE OF ADOLESCENTS OF PUBLIC AND PARTICULAR COLLEGE IN RELATION TO THE HUMAN PAPILOMAVÍRUS

Francieli S Conti¹, Silvia Bortolin¹, Irene Cleme Kulkamp²

RESUMO

Introdução: o papilomavírus humano (HPV) é uma das doenças sexualmente transmissíveis (DST) mais comuns. Na adolescência, as atividades biológicas, falta de informação ou conceitos equivocados, facilitam a transmissão de doenças sexuais. Como a incidência de HPV entre os jovens está cada vez maior, é importante realizar trabalhos que demonstrem o perfil e o conhecimento dos jovens relacionados ao tema. **Objetivo:** verificar o perfil dos alunos de um colégio público e de um particular e avaliar o grau de conhecimento a respeito do HPV. **Métodos:** foi realizado um estudo descritivo, de campo, por observação direta extensiva. O público-alvo desta pesquisa foi composto por adolescentes, estudantes do terceiro ano do ensino médio, em dois colégios do município de Tubarão, SC. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário constituído de perguntas referentes ao comportamento sexual dos alunos e sobre o grau de informação sobre o HPV. **Resultados:** foram entrevistados ao todo 121 adolescentes. Observou-se que, 55,22% dos alunos do colégio particular sabem o que é HPV, enquanto no colégio público, 81,48% nunca ouviram falar ou não sabem o que é HPV. Afirmaram que não tiveram relação sexual 61,19% e 62,96% dos alunos do colégio particular e público, respectivamente; dos que já iniciaram a vida sexual, alguns alunos tiveram sua primeira relação com uma idade bastante precoce. **Conclusão:** apesar de os alunos do colégio particular terem demonstrado maior conhecimento, faz-se necessária a implementação de medidas educativas, que possam minimizar a falta de informação e equívocos com relação ao HPV.

Palavras-chave: HPV, adolescentes, comportamento sexual

ABSTRACT

Introduction: the human papillomavirus (HPV) represents one of the most common sexually transmitted disease (DST). In the adolescence the biological activity, lack of information and mistaken concepts, facilitate the transmission of sexual diseases. Since the growth of HPV is getting bigger among the adolescents, its important to make a study that could demonstrate the profile and knowledge of the adolescents related to this topic. **Objective:** check the students profile in public and private schools and evaluate their knowledge degree concerning HPV. **Methods:** a written field study was done by direct extensive observation. The aim public of the research were adolescents students on their last year of high school in two schools in Tubarão, SC. To collect the data we used a questionnaire where there knowledge about HPV. **Results:** 121 students were interviewed. We observed that 55,22% of the private school students know what HPV is, where as in public school, 81,43% have never heard or don't know what HPV is. They claimed that 61,19% and 62,92% of the students in public and private school respectively, never had sexual intercourse, but those who already started their sexual life, some of them had their first sexual intercourse at an early age. **Conclusion:** in spite of the private school have demonstrated a bigger knowledge, it's necessary that some educational measures be done to minimize the lack of information and mistakes in relation to HPV.

Keywords: HPV, adolescents, sexual behavior

ISSN: 0103-0465

DST – J bras Doenças Sex Transm 18(1): 30-35, 2006

INTRODUÇÃO

Dentre as doenças sexualmente transmissíveis (DST) que mais acometem a população, sem dúvida o papilomavírus humano (HPV), representa uma das infecções mais comuns, atingindo homens e mulheres.^{1,2}

HPV é o principal causador do condiloma acuminado, também conhecido como crista de galo ou verruga venérea.^{3,4}

A principal via de transmissão do HPV é sexual, mas também pode ser transmitido via nosocomial por fômites (toalhas, roupas

íntimas, sabonete etc.), materno-fetal ou, ainda, através de instrumentos ginecológicos não-esterilizados.⁴

Segundo estatísticas, o vírus do HPV está presente em cerca de 95% dos casos de câncer de colo uterino, representando o principal fator de risco para o desenvolvimento deste, que, por sua vez, é responsável pela morte de quase 7.000 mulheres no Brasil por ano. Portanto, conhecimentos específicos a respeito da infecção pelo HPV são importantes na prevenção do desenvolvimento de câncer de colo de útero.^{3,5}

Há mais de 100 tipos virais de HPV descritos atualmente, mas somente 40 infectam o trato genital. A maioria é neutralizada pela ação do sistema auto-imune, porém 18 tipos podem ser classificados conforme o grau de risco para o desenvolvimento de câncer. Os tipos 6, 11, 42, 43 e 44 são classificados como de baixo risco e os tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 59

¹Alunos do Curso de Graduação em Farmácia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

²Farmacêutica – Professora (Mestre) do Curso de Farmácia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

e 68 representam risco de intermediário a alto para o desenvolvimento de câncer.⁵

Recentemente, foi aprovada uma vacina contra o HPV, tipos 6/11/16 e 18, pela *Food and Drugs Administration* (FDA), representando um grande passo rumo ao aumento da qualidade e expectativa de vida das pessoas, pois esta, juntamente com o exame preventivo denominado Papanicolaou, tem o potencial de reduzir a incidência de câncer do colo do útero na geração atual e futura, desde que administrada antes da exposição ao vírus. A vacina foi aprovada em junho de 2006 para o uso em mulheres de 9 a 26 anos de idade.⁶

Fatores biológicos, falta de informação e conceitos equivocados, facilitam a transmissão de doenças sexuais na adolescência. Dentre estas, o HPV não possui ainda um espaço significativo nas campanhas nacionais de educação e prevenção.⁷⁻⁹

Por este fato, faz-se necessário avaliar o conhecimento e os hábitos sexuais de adolescentes, para que assim as campanhas educativas alcancem resultados, tornando os jovens menos suscetíveis a esse tipo de infecção.^{2,10}

OBJETIVO

Determinar e comparar o nível de conhecimento entre adolescentes de dois colégios, particular e público, sobre fatores relacionados à infecção pelo HPV. Buscou-se avaliar o conhecimento relacionado a sintomas, diagnóstico e prevenção do HPV.

Determinaram-se também os hábitos e perfil dos alunos de cada colégio: idade precoce na primeira relação sexual, uso de preservativos, renda familiar, método contraceptivo utilizado e acompanhamento ginecológico ou urológico.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo descritivo transversal, de campo por observação direta extensiva. O público alvo desta pesquisa foi composto adolescentes, estudantes do 3º ano do ensino médio, em dois colégios da cidade de Tubarão, SC. O Colégio Dehon, é um estabelecimento de ensino privado, no qual estão matriculados cerca de 109 alunos por ano no terceiro ano do ensino médio. Enquanto o Colégio Henrique Fontes é um estabelecimento de ensino público, no qual estão matriculados cerca de 79 alunos por ano no 3º ano. A amostra determinada foi $n = 67$ no Colégio Dehon e $n = 54$ no Colégio Henrique Fontes, considerando-se um intervalo de confiança de 95% e um erro amostral de 7,5%. Os critérios de inclusão da amostra foram: pertencer ao 3º ano do ensino médio, aceitação em participar da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O critério de exclusão foi adotado em alunos que não compareceram no dia da entrevista.

Efetou-se um inquérito, no qual a coleta de dados foi desenvolvida através de um questionário preenchido pelos entrevistados, constituído de perguntas objetivas de múltipla escolha e semi-abertas, referentes ao comportamento sexual dos alunos e ao

grau de informação sobre o HPV. Os temas abordados incluíram fatores de risco para a infecção pelo HPV, diagnóstico e evolução.

Após autorização das instituições envolvidas e aprovação pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL (código 05.4.28.4.03.III), foi agendado um encontro para cada colégio, nos quais a pesquisa foi apresentada aos alunos em sala de aula e explicados os procedimentos para a coleta dos dados. Os alunos que concordaram em participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a entrega dos questionários preenchidos por todos os entrevistados, as pesquisadoras realizaram uma explanação sobre o tema HPV, esclarecendo as dúvidas dos alunos com relação às questões abordadas no questionário. A coleta de dados foi realizada em abril de 2006.

Na análise dos resultados obtidos, utilizou-se a determinação das frequências absoluta e percentual. Para a comparação das respostas dadas por alunos dos colégios público e particular, foi adotado o teste qui-quadrado, com nível de significância de 95%.

RESULTADOS

Foram entrevistados ao todo 121 adolescentes. A média de idade dos entrevistados em ambos os colégios é de 17 anos. A distribuição por sexo é de maioria feminina, tanto para o colégio privado quanto para o público, sendo a relação mulher:homem igual a 1,82:1,57.

Quanto à renda familiar, no colégio particular a maior porcentagem dos entrevistados (43,28%) possui renda familiar de mais de 10 salários mínimos e apenas 17,91% afirmam ter renda familiar menor que 5 salários mínimos. Por sua vez, no colégio público, a maior porcentagem de entrevistados (33,33%) afirma possuir renda familiar entre 4 e 5 salários mínimos, sendo que apenas 16,67% afirmam ter renda familiar superior a 10 salários mínimos.

Avaliação do conhecimento

Para avaliar o conhecimento dos alunos sobre DST, questionou-se a respeito da definição, conseqüências, susceptibilidade, sintomas e diagnóstico do HPV. A Tabela 1 apresenta a comparação dos resultados obtidos nos diferentes colégios para os alunos que responderam corretamente às perguntas relacionadas ao conhecimento.

Observou-se que 55,22% dos alunos do colégio particular sabem o que é HPV, enquanto no colégio público 12,52% sabem. Conceitos errôneos, como de que o HPV é uma doença que se adquire por transfusão sanguínea, por agulhas injetáveis, por convivência com pacientes infectados estão presentes em ambos os colégios, porém, a porcentagem máxima de escolha de cada uma destas respostas não ultrapassou 8% dos entrevistados.

Com relação às conseqüências que o HPV pode provocar caso não seja tratado, no colégio particular 40,30% dos entrevistados sabem que o HPV não tratado pode causar câncer de colo ute-

Tabela 1 – Comparação da quantidade de acertos às perguntas que avaliavam conhecimento dos adolescentes sobre HPV nos diferentes estabelecimentos de ensino

Item pesquisado	Colégio particular		Colégio público		Qui-quadrado	p
	n	%	n	%		
Definição	37	55,22	10	18,52	16,96	0,000
Conseqüências	27	40,30	7	12,96	11,06	0,0009
Susceptibilidade	61	91,04	34	62,96	13,98	0,0002
Sintomas	21	31,34	8	14,81	4,48	0,0342
Diagnóstico	42	62,69	18	33,33	10,31	0,0013

rino, enquanto no colégio público apenas 12,96% dos adolescentes responderam desta mesma maneira.

A opinião de 91,04% e 62,96% dos entrevistados, nos colégios particular e público respectivamente, é de que qualquer pessoa pode adquirir o HPV. No colégio público, 37,04% dos alunos não responderam quem poderia infectar-se. Já no colégio particular, 8,96% dos estudantes do ensino médio responderam de maneira equivocada.

Dentre os entrevistados, 68,66% dos alunos de colégio particular e 85,19% de colégio público não conhecem os sintomas que o HPV pode manifestar. Dos sintomas reconhecidos pelos alunos dos colégios particular e público, respectivamente, foram relatados: coceira nos órgãos genitais (28,36%, 14,67%), corrimento vaginal ou peniano (19,40%, 12,96%), ardência ao urinar ou durante as relações sexuais (13,43%, 7,41%), dor durante a relação sexual (11,94%, 12,96%). Alguns alunos mencionaram sintomas que não caracterizam o HPV (as porcentagens em parênteses referem-se aos colégios privado e público, respectivamente): sangramento nos órgãos genitais (19,40%, 7,41%), inchaço dos órgãos genitais (5,97%, 7,41%), cólicas abdominais (4,48%, 3,70%).

No que diz respeito ao diagnóstico, 37,31% dos alunos do colégio particular e 66,67% dos alunos de colégio público não sabem como uma pessoa pode identificar se está infectada pelo HPV. No colégio particular, 50,75% consideram que é possível saber que se está infectado pelo HPV indo ao ginecologista e 29,85% indo ao urologista. Já no colégio público, as porcentagens para as mesmas respostas foram de 27,78% e 12,96%.

As porcentagens de alunos dos colégios particular e público, respectivamente, identificaram os exames Papanicolaou (20,80%; 7,41%) e colposcopia (2,98%; 0%), como fazendo parte do diagnóstico para o HPV. Nenhum aluno de ambos os colégios identificou a biópsia e a captura híbrida como exames diagnósticos. Porém, o uso de ultra-som para diagnóstico, conceito equivocado, apareceu em 5,97% e 1,85% dos entrevistados.

Prevenção

Para avaliar o conhecimento relacionado à prevenção, os alunos foram questionados quanto às DST em geral, bem como questões específicas relacionadas ao HPV e a fatores que poderiam favorecer o contágio.

Com relação aos métodos de se evitar uma DST, notou-se que a maioria dos alunos afirma que o uso de preservativo masculino é a forma correta de proteção, porém alguns conceitos errôneos também foram observados. A Tabela 2 apresenta os conceitos dos adolescentes sobre a prevenção de DST e sua relação com o local de estudo.

Quanto aos fatores considerados propícios para o contágio, obtiveram-se as seguintes respostas nos colégios particular e público, respectivamente: relações sexuais com profissionais do sexo (25,37%, 42,59%), relações sexuais com pessoas desconhecidas (25,37%, 29,63%), relações sexuais com mais de um parceiro (22,38%, 62,96%).

No que diz respeito ao papel do preservativo masculino na prevenção da infecção pelo HPV, a relação entre alunos que acham que o preservativo não é garantia absoluta de proteção e dos alunos que acham que o preservativo protege sempre é de 1,15 e 3,15, nos colégios particular e público, respectivamente. Isto demonstra que no colégio público os alunos têm maior percepção de que o preservativo não é garantia de proteção total, apesar de terem demonstrado menos conhecimento em outros aspectos.

Atitudes

Para avaliar as atitudes dos alunos entrevistados, questionou-se a respeito do início da atividade sexual, uso de preservativos, métodos contraceptivos e acompanhamento médico.

Afirmaram que não tiveram relação sexual 61,19% e 62,96% dos alunos entrevistados dos colégios particular e público, respectivamente, porém, dos que já iniciaram a vida sexual, alguns alunos tiveram sua primeira relação com uma idade bastante precoce, conforme pode ser observado na Tabela 3.

Ao serem questionados sobre o uso de preservativos durante a relação sexual, 60,61% e 68,0% dos alunos dos colégios privado e público, respectivamente, sempre o utilizam; 33,33% e 24,0% nunca o utilizam, e 6,06%/8,0% quase sempre utilizam o preservativo nas relações sexuais. Também foi abordada a questão do uso de preservativo com o surgimento da vacina contra o HPV e verificou-se que 80,60% e 85,19% dos alunos ainda utilizariam o preservativo para a sua proteção pessoal.

Com relação aos métodos contraceptivos, foram mencionados: pílula anticoncepcional de uso frequente (40,54%/34,78%),

Tabela 2 – Conceitos dos adolescentes sobre prevenção de DST e sua relação com o local de estudo

Métodos de prevenção de DST	Colégio particular		Colégio público		Qui-quadrado	p
	n	%	n	%		
Uso de preservativo	67	100	52	96,30	2,52	0,1971
Escolha do parceiro	2	2,98	14	25,93	13,71	0,0002
Ter relações sexuais sempre com o mesmo parceiro	7	10,44	10	18,52	1,61	0,2041
Contraceptivo oral	5	7,46	4	7,41	0,00013	0,7361
Não ter relações sexuais	4	5,97	5	9,26	1,81	0,3654
Banho após relação sexual	0	0,00	2	3,70	2,52	0,2038

Tabela 3 – Idade da primeira relação sexual *versus* estabelecimento de ensino

Idade	Colégio particular		Colégio público	
	(n)	(%)	(n)	(%)
13 anos	0	0,00	2	3,70
14 anos	3	4,48	2	3,70
15 anos	5	7,46	7	12,96
16 anos	12	17,91	6	11,11
17 anos	3	4,48	1	1,85

bem como, preservativo feminino (5,40%/8,69%), pílula do dia seguinte (5,40%/4,35%), “tabelinha” (8,11%/4,45%) e coito interrompido (8,11%/0%), sendo estas as porcentagens dos alunos dos colégios particular e público, respectivamente.

Foi perguntado, aos alunos, se os mesmos faziam algum tipo de acompanhamento ginecológico ou urológico. A relação dos alunos que não fazem nenhum tipo de acompanhamento ginecológico ou urológico para os que o fazem, foi de 3:1 em ambos os colégios.

DISCUSSÃO

A infecção pelo HPV tem sido considerada atualmente uma das infecções por via sexual mais frequentes em todo o mundo, acometendo aproximadamente 30% da população sexualmente ativa.^{1,2,11} Notou-se que a maioria dos adolescentes do colégio particular sabem do que se trata a doença, no entanto, no colégio público, essa informação deixa a desejar. Verificou-se que conceitos errôneos, como de que o HPV é uma doença que se adquire por transfusão sanguínea, por compartilhamento de agulhas e seringas injetáveis ou por convivência com pacientes infectados estão presentes em ambos os colégios. Acredita-se que alguns alunos possam ter confundido HPV com o vírus da imunodeficiência humana (HIV), visto que este último é o principal foco das campanhas de prevenção e educação relacionadas à DST. Assim, além de demonstrar falta de conhecimento com relação ao HPV, este fato aponta para a necessidade de ampliar

as ações e os objetos da educação e da promoção da saúde relacionada com a prevenção de DST.

No âmbito social, observa-se uma grande diferença de renda familiar entre os colégios. De forma geral, os alunos do colégio particular demonstraram maior conhecimento que os alunos do colégio público. No estudo realizado por Taquette *et al.*, a renda familiar dos adolescentes que não apresentavam DST foi maior que a dos que apresentaram DST.⁷ Outro exemplo de que as DST podem ocorrer com maior frequência nas classes menos favorecidas foi observado em um estudo que analisou a distribuição social da aids no Brasil. Este estudo detectou que a velocidade de crescimento da epidemia da aids foi maior nas classes menos favorecidas.¹² Nosso estudo difere dos supracitados por não ter detectado a presença de DST nos entrevistados. No entanto, os resultados levam-nos a crer que o poder aquisitivo está relacionado com o nível de informação e com o acesso aos serviços de saúde, resultando num maior conhecimento dos alunos de colégio particular, que por sua vez detêm maior renda familiar.

O desconhecimento do tema e a citação de conceitos errôneos pelos entrevistados sugerem a necessidade de programas educativos voltados ao desenvolvimento de ações que visem à orientação, informação e esclarecimentos com relação ao HPV. Mas, para que programas de prevenção sejam bem-sucedidos, faz-se necessária a elaboração de um planejamento detalhado, no qual sejam consideradas as necessidades e características da população jovem, utilizando-se de diferentes recursos para atingir os adolescentes.¹³⁻¹⁵ A educação em saúde visando à prevenção de DST é importante neste contexto, visto que um dos principais

requisitos para influenciar o comportamento sexual em adolescentes é a informação sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis.¹⁵

Atualmente, considera-se que a persistência da infecção pelo HPV representa o principal fator de risco de desenvolvimento de câncer de colo do útero.¹⁶ Com relação às conseqüências que o HPV pode provocar caso não seja tratado, no colégio particular notou-se um conhecimento maior que no colégio público. É de grande importância os adolescentes saberem o risco que estão correndo. Profissionais de saúde e instituições de ensino devem estar atualizados para instruir quanto a prevenção e evolução da doença.

Muitos estudos têm detectado a permanência de mitos, preconceitos e fantasias envolvendo a sexualidade, demonstrando que a maior parte dos adolescentes pensa que as DST estão associadas a condição de homossexualismo, grupos de usuários de drogas e profissionais do sexo.¹⁵ No entanto, no presente trabalho, verificou-se que a maioria dos entrevistados está ciente de que qualquer pessoa pode adquirir o HPV, o que pode favorecer a implementação de atitudes educacionais de prevenção.

Com relação aos sintomas, a maior parte dos alunos tanto de escola pública quanto da particular, desconhece o assunto. Geralmente, a infecção pelo HPV não apresenta sintomas e, mesmo quando existe desenvolvimento da lesão, esta, a princípio, é indolor. Este fator faz com que as pessoas, principalmente os homens, não procurem assistência para se prevenirem do HPV e/ou se tratarem, mas, somente quando já estão infectados e às vezes quando já são portadores infectantes há algum tempo, dificultando o controle de qualquer doença.^{11,17}

No que diz respeito ao diagnóstico, 37,31% dos alunos do colégio particular e 66,67% dos alunos de colégio público não sabem como uma pessoa pode identificar se está infectada pelo HPV. Nota-se, por conseguinte, que os alunos não estão cientes quanto à verdadeira função do exame preventivo, sendo que, o Papanicolaou esteve presente em apenas 20,80% e 7,41% das respostas dos alunos dos colégios particular e público, respectivamente. É fundamental que os serviços de saúde orientem sobre a finalidade e a importância do exame preventivo, pois sua realização periódica permite reduzir em até 70% a mortalidade por câncer de colo uterino na população de risco.^{9,18}

A principal via de transmissão do HPV é através do contato sexual, podendo ser transmitido após uma única relação sexual com um(a) parceiro(a) infectado(a).^{4,15,19} Percebeu-se que em ambos os colégios os alunos têm consciência da necessidade do uso de preservativos durante a relação sexual e de que o mesmo oferece proteção às DST. Porém, alguns conceitos errôneos, como escolha do parceiro, relações sexuais sempre com o mesmo parceiro, uso de contraceptivo oral, banho após relação sexual, também foram citadas como métodos de evitar DST. Portanto, mais uma vez, observa-se a importância de programas educacionais que esclareçam sobre as maneiras adequadas de prevenção destas doenças.

No que diz respeito à prevenção do contágio pelo HPV, o preservativo masculino garante apenas proteção de contato. No entanto, pode haver lesões em regiões que não são protegidas pelo preservativo, possibilitando o contágio pelo vírus.¹¹ Na pes-

quisa realizada, a relação entre alunos que acham que o preservativo nem sempre protege e os alunos que acham que o preservativo é garantia total de proteção é de 1,15:1,0 e 3,15:1,0 nos colégios particular e público, respectivamente. Isto demonstra que no colégio público os alunos têm mais consciência de que o preservativo não é garantia de proteção total, apesar de terem demonstrado menos conhecimento em outros aspectos. No entanto, quando questionados sobre o uso do preservativo nas relações sexuais, não houve diferença significativa na porcentagem dos alunos que afirmaram o uso, nos dois colégios.

Apesar de a maior parte dos alunos não ter iniciado sua vida sexual, notou-se que, dentre os que já haviam iniciado, alguns a tiveram com uma idade bastante precoce. Ao mesmo tempo em que isto gera preocupação, por ser a imaturidade dos tecidos genitais um dos fatores que propicia a infecção pelo HPV^{1,7}, este dado também vem ao encontro da necessidade da aplicação da vacina contra o HPV ainda em pré-adolescentes, a partir dos 9 anos de idade, de modo a garantir que a mesma seja administrada antes da primeira exposição ao vírus.⁶

Ao serem questionados sobre o uso de preservativos durante a relação sexual, a maioria dos alunos alega utilizá-lo, contrariando outros estudos que revelam que apenas um terço ou menos dos jovens usam preservativo sempre. No entanto, não foi possível avaliar o uso efetivo do preservativo através deste questionário. É importante ressaltar que os adolescentes em geral sabem que o preservativo evita doenças, mas existe uma lacuna entre o nível de conhecimento e o uso efetivo da camisinha.⁷

Quando abordados com relação ao uso do preservativo com o surgimento de uma vacina contra o HPV, verificou-se que a maioria dos alunos respondeu que ainda o utilizaria para a sua proteção pessoal. Isto pode ser devido à conscientização da prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis que não seriam evitadas com o uso da vacina contra o HPV. Assim, acredita-se que a vacina não irá, a princípio, desestimular o uso do preservativo. Esta será então mais uma estratégia para a redução da incidência de câncer de colo do útero na geração atual e na futura.⁶

Foi observado, em ambos os colégios, que somente 1 em cada 3 adolescentes faz acompanhamento ginecológico ou urológico; no entanto, as consultas deveriam ser realizadas semestralmente ou anualmente pois, ao iniciarem a atividade sexual, a probabilidade de adquirir infecções torna-se maior. Quando se fala de adolescentes, a importância desse acompanhamento torna-se maior, visto que estes apresentam alta prevalência dos chamados comportamentos de risco para as DST: início sexual precoce, múltiplos parceiros sexuais, relações sexuais desprotegidas, uso de álcool e drogas ilícitas.^{8,20}

Cabe-nos ressaltar que por fatores inibitórios tais como vergonha, culpa ou má vontade por parte dos entrevistados, alguns resultados podem estar subestimados.

CONCLUSÃO

O presente estudo realizado com alunos do ensino médio de colégios particular e público, revelou falta de informação e con-

ceitos equivocados a respeito das DST, principalmente do HPV. Apesar de os alunos do colégio particular terem demonstrado um conhecimento maior sobre esse assunto, o nível de informação por eles demonstrado ainda é inferior ao desejável.

Faz-se necessária a realização de estudos adicionais que demonstrem qual o perfil e o conhecimento de um maior número de adolescentes com relação ao HPV. É indiscutível a necessidade de campanhas educativas que possam suprimir a falta de informação, tornando os jovens menos susceptíveis à infecção pelo HPV e outras DST.^{2,10}

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Brasil Ministério da Saúde. Programa nacional de combate ao câncer de colo uterino. Disponível em <http://www.saude.gov.br/programas/cancer/estrategias.htm>. Acessado em: 21 Set 2005.
2. Distrito Federal. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. Doenças sexualmente transmissíveis: manual de bolso. Brasília: PN DST/AIDS; 2000.
3. Ramos SP. HPV – Papilomavírus: um novo capítulo nas infecções vaginais. Disponível em: <http://www.gineco.com.br/HPVum.htm>. Acessado em: 16 Set 2005.
4. Carvalho JJM, Oyakawa NI. Conselho Brasileiro de HPV-Papilomavirus Humano. São Paulo: BG Cultural; 2000.
5. Brasil Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Recomendações básicas para o controle do câncer do colo do útero no Brasil, mimeografado, s.d.
6. FDA licenses new vaccine for prevention of cervical cancer and other diseases in females caused by Human Papillomavirus. FDA News: Rockville, 2006. Disponível em <http://www.fda.gov/bbs/topics/NEWS/2006/NEW01385.html>. Acessado em: 14 Jun 2006.
7. Taquette SR, Vilhena MM, Paula MC. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 2004; 37(3): 210-214.
8. Murta EFC. Infecção pelo Papilomavirus Humano em Adolescentes: relação com o método anticoncepcional, gravidez, fumo e achados citológicos. RBGO 2001; 23(4):217-221.
9. Fernandes AMS, Antonio DG, Bahamondes LG. Conhecimento, atitudes e práticas de mulheres brasileiras atendidas pela rede básica de saúde com relação às doenças de transmissão sexual. Cad Saúde Publica 2000; 16 (Supl.1):103-112.
10. Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Câncer do colo do útero. Brasília, 2003. Disponível em http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=326: Acessado em: 12 Set 2005.
11. Arcoverde MAM, Wall ML. Assistência prestada ao ser masculino portador do HPV: contribuições de enfermagem. J bras Doenças Sex Transm 2005; 17(2):133-137.
12. Fonseca MGP, Travassos C, Bastos FI, Silva NV, Szwarcwald CL. Distribuição social da AIDS no Brasil, segundo participação no mercado de trabalho, ocupação e status sócio-econômico dos casos de 1987 a 1998. Cad Saúde Pública 2003; 19(5):1351-1363.
13. Oliveira SHS, Dias MR, Silva, MIT. Adolescentes e AIDS: fatores que influenciam a intenção do uso de preservativo. J bras Doenças Sex Transm 2005; 17(1):32-38.
14. Galvão MTG, Alencar RA, Ferreira MLSM, Antunes RCFS. Sexualidade e conhecimentos das doenças sexualmente transmissíveis e AIDS entre adultos em um município do interior do nordeste brasileiro. J bras Doenças Sex Transm 2003; 15(3):31-40.
15. Souza MM, Borges IK, Medeiros M, Teles SA, Munar DB. A abordagem de adolescentes em grupos: o contexto da educação em saúde e prevenção de DST. J bras Doenças Sex Transm 2004; 16(2):18-22.
16. Rivoire WA, Capp E, Corleta HE, Silva ISB. Bases moleculares da oncogênese cervical. Revista Brasileira de Cancerologia 2001; 47(2): 179-184.
17. Silveira GPG, Pessini SA. Câncer do colo do útero: lesões precursoras, cap. 194, p. 2128-2149. In Halbe HW. Tratado de ginecologia. 3ª. Ed. São Paulo: Roca; 2000. 2471 p.
18. Brasil Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). Câncer do colo do útero. Disponível em <http://www.inca.org.br/cancer/tipos/utero.htm>. Acessado em: 21 Ago 2005.
19. Nadal SR, Manzione CR, Horta SHC, Calore EE. Sistematização do Atendimento dos Portadores de Infecção Perianal pelo Papilomavirus Humano (HPV). São Paulo, 2004. [periódico na internet]. Disponível em http://www.sbc.org.br/revista/nbr244/P322_328.htm. Acessado em: 24 Out 2005.
20. Vieira M, Guimarães EMB, Barbosa MA, Turchi MD, Alves MFC, Seixas MSC. Fatores associados ao uso de preservativo em adolescentes do gênero feminino no município de Goiânia. J bras Doenças Sex Transm 2004; 16(3):77-83.

Endereço para correspondência:

IRENE CLEMES KULKAMP

Universidade do Sul de Santa Catarina
Curso de Farmácia- Habilitação Análises Clínicas
TECFARMA
Av. José Acácio Moreira, 787
Bairro Dehon, Tubarão, Santa Catarina, Brasil.
88704-375
E-mail: irenemail@gmail.com

Recebido em: 07/03/2006

Aprovado em: 07/06/2006